



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CASTANHAL
FACULDADE DE LETRAS

EDIRLENE COSTA PANTOJA

A LITERATURA COMO LUGAR DE MEMÓRIA: uma análise da obra “a máquina de fazer espanhóis, ” de Valter Hugo Mãe.

CASTANHAL – PARÁ
2019

EDIRLENE COSTA PANTOJA

**A LITERATURA COMO LUGAR DE MEMÓRIA: uma análise da obra
“a máquina de fazer espanhóis, ” de Valter Hugo Mãe**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado à Faculdade de Letras para
obtenção do grau em Licenciatura em Letras
pela Universidade Federal do Pará.

Orientadora: Profa. Ma. Mêrivanía Rocha
Barreto.

CASTANHAL - PARÁ
2019

EDIRLENE COSTA PANTOJA

**A LITERATURA COMO LUGAR DE MEMÓRIA: uma análise da obra “a
máquina de fazer espanhóis, ” de Valter Hugo Mãe**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado à Faculdade de Letras para
obtenção do grau em Licenciatura em Letras
pela Universidade Federal do Pará.

Orientadora: Profa. Ma. Mêrivania Rocha
Barreto.

Data da aprovação:

Banca examinadora

Profa. Ma. Mêrivania Rocha Barreto
(Orientadora)

Profa. Ma. Karina Paraense Monteiro
(Membro)

CASTANHAL - PA
2019

Dedico à memória de meu pai, que
partiu durante a construção deste
estudo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus que sempre esteve comigo, e a todos aqueles que contribuíram para a realização deste trabalho.

Ao meu amado filho pelas constantes ausências no decorrer desta caminhada.

Agradeço a minha orientadora por ter aceitado de imediato meu projeto e pela compreensão do momento delicado em que eu me encontrava. Muito obrigada.

As colegas e parceiras fiéis de todos os trabalhos, Manu, Rose e Carmem, por terem aturado sempre com paciência minha tendência perfeccionista. Se não fosse nossa parceria, talvez, eu não teria chegado até aqui.

Ao estimado e querido professor Marcos Vinicius, minha eterna gratidão. Não consigo dimensionar o quanto seus ensinamentos foram fonte de aprendizado para mim.

" Ah, memória, inimiga mortal do
meu repouso! " MIGUEL DE
CERVANTES.

SUMÁRIO

RESUMO	10
ABSTRACT	10
INTRODUÇÃO	10
2 O AUTOR E A OBRA	14
3 HISTÓRIA E MEMÓRIA	18
3.1 Conceito de Memória	20
3.2 Memória Individual e Memória Coletiva.....	22
4 A MEMÓRIA EM <i>A MÁQUINA DE FAZER ESPANHÓIS</i>	25
4.1 A representação da memória no período salazarista	30
4.2 Os sentidos da memória.....	34
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS	43

RESUMO

Em *a máquina de fazer espanhóis* a narrativa se constrói a partir do ponto de vista do narrador memorialista, António Jorge Silva, no momento em que este se vê abandonado pelos filhos após a morte da esposa. No intuito de preservar a identidade, o velho homem passa a narrar suas memórias e escutar as memórias de outros velhos homens que se encontram no asilo na mesma situação que ele, os outros “Silvas”. Sendo assim, este trabalho tem como objetivo analisar o papel da memória no romance *a máquina de fazer espanhóis* de Valter Hugo Mãe. Para tanto, partimos da seguinte pergunta de pesquisa: até que ponto a memória individual reflete em um conjunto de memórias coletivas das vivências dos idosos do lar? Para responder a essa questão, realizamos uma pesquisa cujo objetivo geral é: analisar o papel da memória na narrativa *a máquina de fazer espanhóis* de Valter Hugo Mãe, e os respectivos objetivos específicos: identificar o papel da memória individual; estabelecer a inter-relação entre memória individual e memória coletiva; apontar a confluência entre memória individual e coletiva para a reconstrução de um passado comum aos personagens do romance. Esta pesquisa tem como embasamento teórico Benjamim (1987), Derrida (1997), Derrida (2001), Freud (1976), Halbwachs (2003), Ricouer (2007), entre outros. O percurso metodológico utilizado na pesquisa foi de caráter bibliográfico. A análise aponta para a memória, na narrativa de ficção, como elemento fundamental para a compreensão de um passado coletivo.

Palavras-Chave: Valter Hugo Mãe. *A máquina de fazer espanhóis*. Memória.

ABSTRACT

In the Spanish making machine, the narrative is constructed from the point of view of the narrator, António Jorge Silva, at the moment when he is abandoned by his children after his wife's death. In order to preserve identity, the old man begins to narrate his memories and listen to the memories of other old men who are in the asylum in the same situation as he, the other "Silvas". Thus, this paper aims to analyze the role of memory in the novel the machine to make Spaniards of Valter Hugo Mãe. To do so, we start with the following research question: to what extent individual memory reflects in a set of collective memories of experiences of the elderly in the home? To answer this question, we carried out a research whose general objective is: to analyze the role of memory in the narrative of Valter Hugo Mãe's Spanish making machine, and its specific objectives: to identify the role of individual memory; establish the interrelationship between individual memory and collective memory; to point the confluence between individual and collective memory for the reconstruction of a past common to the characters of the novel. This research is based on Benjamin (1987), Derrida (1997), Derrida (2001), Freud (1976), Halbwachs (2003) and Ricouer (2007). The methodological approach used in the research was of bibliographic character. The analysis points to the memory, in the narrative of fiction, as a fundamental element for the understanding of a collective past.

Keywords: Valter Hugo Mãe. The machine of making Spanish. Memory.

INTRODUÇÃO

Observa-se nos últimos anos que a literatura é permeada de significados relativos à subjetividade do indivíduo, seus sentimentos e relações sociais estabelecidas, geralmente, atreladas a um contexto histórico específico. Neste caso, a literatura atende à necessidade dos indivíduos em deixar suas marcas a fim de que fatos passados possam ser reconstruídos.

Por meio de percepções individuais, o narrador direciona a narrativa a um passado comum, a memória adquire uma dimensão singular na narrativa e a literatura passa a desempenhar o lugar de uma memória que insiste em não ser esquecida.

Na literatura destacam-se obras que representam em sua narrativa a preocupação em intrincar os conjuntos de lembranças, a fim de controlar o pensamento coletivo ou combater o esquecimento.

Em *a máquina de fazer espanhóis* a narrativa se constrói a partir do ponto de vista do narrador memorialista António Jorge Silva, no momento que se vê abandonado pelos filhos após a morte da esposa. No intuito de preservar a identidade, o velho homem passa a narrar suas memórias e escutar as memórias de outros velhos homens que se encontram no asilo na mesma situação que ele, os outros Silvas.

O narrador rememora fatos vividos de um passado comum que aos poucos apresenta ao leitor marcas do passado recente de Portugal, o período salazarista. A figura de Salazar é autoridade presente em todos os momentos, na tomada de decisões, no estabelecimento das relações entre os cidadãos, representado como uma autoridade que observava e manipulava o homem português.

No decorrer da narrativa vemos um narrador tentando a todo momento justificar sua apatia diante de um regime autoritário, contra o qual nunca se rebelou. Por meio de suas lembranças individuais representa o passado de toda uma nação e revela um sentimento coletivo. Nesta obra, a recuperação da memória individual, representada pelas memórias de todos os personagens, todos os Silvas, ganha uma dimensão histórica e revela uma memória coletiva manipulada por interesses de poder.

Dessa forma, este trabalho tem como objetivo geral analisar o papel da memória no romance *a máquina de fazer espanhóis*, de Valter Hugo Mãe. Os objetivos específicos estão pautados em: identificar o papel da memória individual na narrativa; estabelecer a inter-relação entre memória individual e memória coletiva; apontar a confluência entre memória individual e coletiva para a reconstrução de um passado comum aos personagens do romance.

Para sustentar essa discussão nos valem os conceitos de alguns autores que versam sobre a temática em questão. Na releitura do diálogo de Sócrates e Fedro, em “A farmácia de Platão”, Derrida (1997) polariza o ato de escrever, o *phármakon* que, ora acarreta uma carga negativa, ora uma carga positiva, pode representar o verdadeiro, mas também o falso, e ainda o bem ou o mal. Em relação à memória, o *phármakon*, pode ser considerado remédio ou veneno.

Ainda se utilizando dos estudos de Derrida (2001), dessa vez baseado nas descobertas de Freud para psicanálise, em “Mal de arquivo” faz um estudo de como funciona o arquivamento dos dados vividos na memória e aponta para um processo de arquivamento em uma constante “luta” interior acerca do que pode ou não ser arquivado. Todo esse processo carrega em si uma verdade que ao mesmo tempo é política e social, uma vez que é o poder que dispõe e organiza o arquivo de acordo com seus próprios interesses.

Em “Nota sobre o bloco mágico” Freud (1976) discorre sobre como as percepções são armazenadas na memória consciente e inconsciente, e associa o psiquismo a uma máquina de escritura, ou seja, as percepções são escritas na memória e a materialização do ato de escrever funcionaria como um dispositivo para ampliar a capacidade de memória.

Ainda nos utilizaremos dos conceitos de memória e história em Ricoeur (2007) no qual ele prioriza a memória como objeto da história. Diante desses conceitos de Ricoeur (2007) acerca de memória e história houve a necessidade de recorrer aos estudos de Halbwachs (2003) acerca de memória individual e memória coletiva.

A opção por um tema que busca investigar a importância do papel da memória na narrativa pós-moderna se deu no interior da disciplina Literatura Portuguesa Contemporânea, momento este em que fizemos a leitura comentada da narrativa *a máquina de fazer espanhóis*, de Valter Hugo Mãe.

A leitura do romance impeliu todos a profundas introspecções ao voltar os olhos para um estágio da vida para o qual nunca estamos preparados. Como resultado das reflexões, após a leitura da obra, realizamos na culminância da disciplina, uma visita ao asilo local (o asilo Casa da Fraternidade fica localizado no bairro Apeú, cidade de Castanhal).

A escolha do objeto se deu pelo fato do romance apresentar os dispositivos necessários para a análise da relação entre memória individual e memória coletiva, atuando a memória como o lugar daquilo que se quer esquecer.

Outro motivo de cunho muito pessoal, e ao mesmo tempo social, que se fez muito pertinente na escolha desse tema foi a observação de uma certa polarização no cenário político brasileiro com surgimento de uma suposta guerra de narrativas acerca de um período similar, na historiografia brasileira, ao narrado no romance de Valter Hugo Mãe.

Este trabalho está estruturado em três capítulos: o primeiro traz uma pequena descrição bibliográfica sobre Valter Hugo Mãe no que se refere a sua trajetória acadêmica e como literato, sua vida e principais obras publicadas.

No segundo capítulo busca-se examinar a relação entre Memória e História, particularmente atentando para a inter-relação entre memória individual e memória coletiva, conceitos esses que permeiam todo o desenvolvimento deste trabalho. Vale ressaltar que, aqui, a memória é tratada como recurso das relações entre acontecimentos que ocorreram de forma individual no passado e que no presente direcionam para um conjunto de lembranças comuns a todos os moradores do asilo, dito em outras palavras, a história, nesse sentido, atua como o próprio lugar da memória.

No terceiro capítulo, analisamos como a memória se apresenta na narrativa. Trazendo o período salazarista como pano de fundo, o personagem narra sua trajetória retomando o passado sob a ótica individual, que ora se aproxima e ora se distancia do coletivo, desencadeando experiências vividas no passado tentando reinterpretá-las à luz do presente. Esse transitar entre passado e presente provocam profundas inquietações ao narrador.

Esta pesquisa se justifica na busca de elementos que comprovem a memória como valor fundamental no romance *a máquina de fazer espanhóis* e

por esta narrativa apresentar o mecanismo ideal para desvendar as nuances que a memória desempenha no romance contemporâneo.

Valter Hugo Mãe em *a máquina de fazer espanhóis* faz um elogio à memória através da voz dos personagens do lar de idosos, abordando questões como envelhecimento, esquecimento e morte, como forma não apenas de recuperar o passado, mas refletir sobre ele e as consequências que podem influenciar o presente a fim de que não se repitam no futuro.

Em relação à metodologia usada na pesquisa, a mesma será de cunho bibliográfico, onde foram realizadas buscas em dados de bases da literatura da área. No que se refere à classificação da pesquisa quanto à natureza, a mesma é considerada como aplicada, ou seja, é voltada à aquisição de conhecimentos com vistas à aplicação numa situação específica, isto é, apresenta como objetivo a geração de conhecimentos para aplicação prática dirigidos à solução de problemas específicos estabelecidos na pesquisa (PRODANOV; FREITAS, 2013).

2 O AUTOR E A OBRA

O escritor Valter Hugo Mãe é um dos nomes de destaque da Literatura Portuguesa contemporânea. Ele nasceu no dia 25 de setembro de 1971 na localidade de Henrique de Carvalho (atual Saurimo), na Angola Colonial, de onde saiu aos 2 anos de idade, possuindo atualmente nacionalidade portuguesa. Além da carreira literária, Valter exerce ainda os ofícios de cantor, apresentador de TV, editor e artista plástico. Passou grande parte da infância em Paços de Ferreira, entretanto no ano de 1980 mudou-se para Vila do Conde (MARQUES, 2009).

A formação acadêmica de Valter Hugo Mãe inclui uma graduação na área de Direito e uma pós-graduação em Literatura Portuguesa Moderna e Contemporânea pela Universidade do Porto. Em sua atuação como editor, atuou na co-fundação da *Quasi Edições*, editora responsável pela publicação de autores como Ferreira Gullar, Manoel de Barros, Mário Soares, entre outros. Além disso, entre os anos de 2001 a 2004 trabalhou como co-diretor da revista *Apeadeiro* e fundou sua própria editora, chamada *Objecto Cardíaco*, em 2006.

Conforme Marques (2009), Valter Hugo Mãe, em sua carreira como artista plástico, teve a primeira exposição individual de seus trabalhos no ano de 2007 na renomada Galeria Símbolo, cuja exposição foi intitulada *o rosto de gregor samsa*¹. Em relação ao seu trabalho com música, no início de 2008 foi lançado como vocalista do grupo Governo. No que se refere à TV, ele apresenta desde o ano de 2012 um programa de entrevistas na emissora Porto Canal.

Quanto a produção literária do referido escritor, é importante destacar que seus romances, *o nosso reino* (2004), *o remorso de Baltazar Serapião* (2006), *o Apocalipse dos trabalhadores* (2008) e *a máquina de fazer espanhóis* (2010) são conhecidos como “a tetralogia das minúsculas”, devido ao fato de

¹ Possui relação com a obra “A Metamorfose” de Franz Kafka. Assim por meio de uma narrativa metafórica a obra se inicia com a personagem, Gregor Samsa, um caixeiro viajante, explorado pela família e no trabalho, e profundamente infeliz com a própria vida, desperta “de sonhos inquietantes” metamorfoseado em um “gigantesco inseto”; algo impensado para o mundo real (ROCHA, 2017).

terem sido escritos, na íntegra, com letras minúsculas, o que incluía também o nome do autor.

Em um informativo do *site* da Festa Literária Internacional de Cachoeira (Flica) de 2018, menciona-se que Valter justifica a utilização desse modo de escrita como uma forma de fazer referência a uma utopia de igualdade (dando a chance a quem lesse os romances de definir onde deveria haver acentuação ou não), voltar a atenção do público leitor para a natureza oral do texto e de situar a Literatura no caminho da liberdade do pensamento (FLICA, 2018).

Ainda sobre romances, Valter publicou as obras *O Filho de Mil Homens* (2011), *A Desumanização* (2013) e *Homens Imprudentemente Poéticos* (2016). Seu trabalho com poesia é bastante extenso e inclui títulos de sucesso como *estou escondido na cor amarga do fim da tarde* (2000), *o resto da minha alegria seguido de a remoção das almas* (2003), *folclore íntimo* (2008) e *publicação da mortalidade* (2018).

A única publicação de contos lançada por Valter chama-se *Contos de Cães e Maus Lobos* (2015), tendo prefácio assinado por Mia Couto. O público infantil também foi alcançado por sua obra por meio de livros como *A História do Homem Calado* (2009), *As mais belas coisas do mundo* (2010) e *O Paraíso são os Outros* (2014). Organizou ainda a publicação de algumas antologias poéticas, tais como *O Futuro em Anos-Luz. 100 Anos. 100 Poetas. 100 Poemas.* (2001), *A Alma não é pequena - 100 Poemas Portugueses para sms* (2003) e *Desfocados Pelo Vento. A Poesia dos Anos 80 Agora* (2004) (MARQUES, 2009).

Nos dias atuais, Valter Hugo Mãe tem participado de grandes eventos voltados para a Literatura e possui grande reconhecimento do público em vários países como Brasil, Suíça, Alemanha, Espanha e Israel, onde seus livros costumam ser bem recebidos pelos leitores.

Tamanho foi o destaque dado à sua produção literária que ele já recebeu elogios, inclusive, do aclamado escritor José Saramago (que classificou a obra como um “tsunami”, segundo informações do *site* português *Público*) no ano de 2007, na cerimônia do Prêmio Literário José Saramago, com o qual foi agraciado. Anteriormente, em 1999, Valter havia recebido o Prêmio Almeida Garret e em 2012 foi vencedor do Grande Prêmio Portugal Telecom de Literatura.

A presente abordagem volta-se para o romance *a máquina de fazer espanhóis*, lançado em Portugal no ano de 2010, que apresenta a figura de um

senhor com 84 anos de idade chamado António Jorge da Silva, o qual se vê sozinho após o falecimento de sua esposa Laura, tendo como consequência a sua perda de identidade, a qual ocorre no momento em que, sem ser ao menos consultado a respeito, é mandado, pela filha Elisa, para o asilo Lar da Feliz Idade.

Tal situação do personagem (que é o próprio narrador) pode ser observada no trecho a seguir:

A Laura morreu, pegaram em mim e puseram-me aqui com dois sacos de roupa e um álbum de fotografias. foi o que fizeram. depois, nessa mesma tarde, levaram o álbum porque achavam que ia servir apenas para que eu cultivasse a dor de perder a minha mulher. depois, ainda nessa mesma tarde, trouxeram uma imagem da nossa senhora de fátima e disseram que, com o tempo, eu haveria de ganhar um credo religioso, aprenderia a rezar e salvaria assim a minha alma. (a máquina de fazer espanhóis, 2010, p. 29)

Ao longo de sua permanência no lar para idosos, ele inicia um processo, junto a outros idosos que estavam no local, de relembrar a todo momento coisas do passado, o que era feito com o objetivo de tentar entender qual seria o sentido de sua vida naquele momento. Os colegas de António, assim como ele, também vivenciaram a época de ditadura no país, detalhe que fortalece ainda mais suas lembranças, tanto em conjunto quanto isoladamente.

O modo como António começa a adentrar no universo dos outros idosos e, aos poucos se vê destinado a aceitar esta nova forma de vida (que não tende a ser algo digno, visto que os cuidadores destas pessoas muitas vezes as tratam como crianças), longe da família na fase da velhice, constitui o desenrolar da trama desta obra de Valter Hugo Mãe.

O período histórico de Portugal relacionado à ditadura de Salazar é delineado ao longo da narrativa como parte da memória das personagens, o que serve também como uma simbologia para abordar a questão da histórica e delicada relação política, econômica e territorial que o país estabeleceu com a Espanha ao longo dos anos, e que rende discussões até o momento atual.

Iniciando com o abalo causado pela morte de Laura, companheira de vida de António, o romance abre caminho para uma série de outras questões que envolvem os idosos, como a dificuldade de relembrar as coisas, a tensão diante da proximidade da morte, a ingratidão dos familiares que preferem abandoná-los em asilos ao invés de cuidar deles em casa, etc. Como adicional, fica ainda ao alcance dos leitores abordagens sobre assuntos de cunho político e histórico.

O romance *a máquina de fazer espanhóis* é dedicado ao pai do autor, que morreu antes de chegar à terceira idade, portanto é como se fosse uma reflexão acerca de uma condição que seu pai poderia chegar a vivenciar.

Como ponto primordial nesta obra, o elemento da memória se manifesta através das lembranças da geração de António e seus colegas em relação ao salazarismo. O sofrimento que o senhor Silva enfrenta em sua subjetividade acaba se misturando aos dos colegas por meio da memória coletiva, a qual lhes impulsiona a recordar a mesma época.

No âmbito da Literatura, a questão da memória é bastante útil para movimentar a narrativa e ocasionar a demonstração de diversas vivências, sejam estas individuais ou coletivas, o que naturalmente tem vínculo direto com a perspectiva histórica.

Nesse sentido, a memória de António serve como ponto de partida para que o passado dele e dos colegas seja retomado (gerando um processo individual e coletivo ao mesmo tempo) de forma que haja uma série de reflexões, principalmente no que tange à história. Ademais, na obra em análise, a relação entre memória e história está presente de maneira latente e precisa ser mais aprofundada a ponto de poder entendê-la com mais clareza.

3 HISTÓRIA E MEMÓRIA

No decorrer do percurso histórico, a memória, obviamente, serve para recordar coisas passadas, mas tal processo está envolto em meio a uma discussão muito mais complexa. A relação entre história e memória pode ser mais bem compreendida a partir dos estudos de Maurice Halbwachs (2003), grande teórico sobre a temática em questão. Segundo ele, apesar de os fatos ocorridos ao longo da história poderem parecer, à primeira vista, elementos externos à vida das pessoas, tal visão é completamente errônea. Por meio da reflexão acerca da história, as pessoas têm a possibilidade de compreender uma grande variedade de situações ocorridas anteriormente.

Ainda de acordo com Halbwachs (2003), devido a tais reflexões sobre o passado, a memória funciona como uma chance de modificar a história no que se refere às impressões que se pôde ter sobre determinado fato em uma época e as que vêm até a mente do indivíduo após a fase de resgatar lembranças.

No ponto de vista de Paul Ricoeur (2007), o ato de lembrar de algo é complexo porque a história e a memória sempre se manifestam segundo a prática da repetição. Nessa perspectiva, ao retomar acontecimentos históricos, nossa tendência é ter como base o ponto de vista de outra pessoa, o que acaba demandando uma resistência em atribuir novos significados a algo já ocorrido.

Halbwachs (2003) defende ainda que a história é única e, portanto, não deve ser confundida com a memória coletiva, a qual será mais bem explicitada no subcapítulo a seguir. Em sua opinião, a história consiste em uma área bastante extensa e que compreende uma amplitude de histórias em diversas partes do mundo, portanto, sua teoria não sustenta a ideia de que a história seja algo voltado para uma redução, mas sim algo formado a partir de muitos acontecimentos.

No texto *Mal de Arquivo – Uma impressão freudiana*, Derrida (2001) explora o conceito de arquivo e situa a memória como algo que se deseja preservar por meio do arquivamento de informações e registros. Portanto, seria possível escolher o que permaneceria dentro e o que ficaria de fora de nosso arquivo, tudo isso intermediado pelas relações de poder.

Os processos de arquivamento dos dados na memória são discutidos em *Nota sobre o bloco mágico*, de Sigmund Freud (1976), o pai da psicanálise. Na

obra, o bloco mágico funciona como um modelo de registro externo do aparelho psíquico, arquivo do recalque, por meio do qual mediante a pulsão de destruição, surge a pulsão de arquivo. Nesse caso, na psicanálise, o processo de arquivamento gera o registro e a produção de acontecimentos.

Portanto, pode-se dizer que na obra Derridiana há uma crítica da visão freudiana sobre arquivo como conceito referente à memória, tanto que a definiu como um mal.

Em *A farmácia de Platão* (1997), a atenção de Jacques Derrida volta-se para a recuperação do mito de *Theuth* (em referência a *Fedro*, de Platão), onde a escritura é encarada como um *phármakon*, termo que pode ser entendido como remédio ou como veneno. Como o texto escrito também é um modo de promover auxílios para a memória, a escrita também teria a possibilidade de reduzir a capacidade de memorização, permitindo o esquecimento.

A visão de Walter Benjamin (1987) a respeito de questões que envolvem a memória é bem menos complexa, pois, segundo ele, o passado pode ser construído como o resultado de articulações que envolvem a história e a memória, pautadas em uma análise voltada para o tempo presente.

Ao contrário do que pensa Halbwachs (2003), a lembrança, para Benjamin, não consiste em um elemento que reconstrói coisas já feitas em momentos idos, mas algo que é revelado pelo passado no momento em que é necessário realizar o ato de rememorar.

No caso de António, seu passado acaba vindo à tona devido a uma necessidade que ele mesmo sente em relação à sua história. Cabe ressaltar então que a história também pode ser renovada conforme o que se está sendo resgatado do passado por meio da memória.

Para que suas experiências sejam resgatadas, António apela para a ação de rememorar passagens de sua vida. No romance aqui abordado, o autor relaciona história e memória no momento em que propõe a visualização de um passado que é comum a vários outros indivíduos, o referente ao período histórico do salazarismo, que causou profundos impactos na nação portuguesa. Nesse sentido, a relação estabelecida entre a memória individual do narrador e a memória coletiva dos portugueses constrói os pilares fundamentais para o andamento da narrativa.

3.1 CONCEITO DE MEMÓRIA

Nesse subtópico refletiremos sobre o conceito de memória. A problemática acerca da experiência perdida pode ser pensada a partir de Walter Benjamin e seus textos fragmentários.

De acordo com o pensador alemão, o que é marcante na modernidade e na contemporaneidade é a experiência de que a arte de narrar está em vias de extinção. Segundo Benjamin (2012, p. 213):

São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. É cada vez mais frequente que, quando o desejo de ouvir uma história é manifestado, o embaraço se generalize. É como se estivéssemos sendo privados de uma faculdade que nos parecia totalmente segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências.

O romance encarna uma dessas categorias de se contar histórias. Para Benjamin “O narrador retira o que ele conta da experiência: de sua própria experiência ou da relatada por outros. E incorpora, por sua vez, as coisas narradas à experiência dos seus ouvidos, [...]” (BENJAMIN 1987, p. 217).

No tocante à representação do passado e à configuração da memória, Le Goff (1994) observa que a primeira envolve diretamente a representação de memórias, individuais ou coletivas. Para tanto, é preciso levar em consideração que a memória possui uma capacidade de conservar “certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (LE GOFF, 1994, p. 423).

A memória, dessa forma, estabelece uma relação que pode tanto evocar ausências quanto trazer para o presente tempos remotos ou, por exemplo, reconstruir determinadas informações.

De modo geral, essas reconstruções narrativas marcam tanto uma memória individual quanto social. Partindo daí a importância de considerar o seu caráter subjetivo visto que estão sujeitas às “manipulações conscientes ou inconscientes que o interesse, a afetividade, o desejo, a inibição, a censura, exercem sobre a memória individual” (LE GOFF, 1994, p. 26).

No que se refere às memórias coletivas, elas interferem ainda no processo narrativo dos jogos de poder, uma vez que narrar uma memória é também

evidenciar ou tentar apagar determinados fatos de um contexto histórico vivenciado. Para Le Goff (1994, p.426),

Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva.

Segundo Maurice Halbwachs (2003), ainda que a faculdade da memória seja marcada pela subjetividade, pode-se falar em memória coletiva. Segundo ele, é preciso imaginar um exercício no qual se observe tanto as memórias individuais se agrupando em torno de um indivíduo, quanto se distribuindo dentro de uma sociedade e, a partir daí, compreende-se as noções de memória individual e memória coletiva: “Em outras palavras, o indivíduo participaria de dois tipos de memória” (HALBWACHS, 2003, p. 71), as quais se interpenetram e passam a constituir a memória de um grupo.

De acordo com o sociólogo francês, entre esses dois tipos de memória, a primordial seria a coletiva, visto que a individual só ocorre na perspectiva da coletividade. Do mesmo modo, em relação à singularidade das memórias individuais, para Halbwachs, ela é sempre formada pelos grupos sociais nos quais o indivíduo estava inserido.

Desse modo, compreende-se que, para a formação da memória coletiva, essencialmente, o indivíduo será condicionado pelas instituições sociais como a família, a comunidade, a religião, a organização política e a classe social.

Dessa forma, torna-se importante considerar que nessa disputa pelo direito à narração das memórias, o próprio ato de narrar os fatos vividos pode tornar-se tanto um instrumento de resistência quanto pode simbolizar a expressão do poder outrora vigente.

É imperativo salientar que as memórias coletivas não representam a história, uma vez que esta representa apenas a expressão de um determinado grupo social, mesmo que estejam correlacionadas ao que foi vivido pela coletividade em determinado contexto histórico.

Não raro a literatura contemporânea traz na trama sujeitos marcados por memórias nacionais que se põem a revisitar o passado. Ao entrar no processo de revisitação do passado, o indivíduo questiona as memórias nacionais,

portanto, coletivas, e suscita a questão da importância da memória individual e do lugar da subjetividade na formação dessas memórias.

3.2 MEMÓRIA INDIVIDUAL E MEMÓRIA COLETIVA

A memória é o caminho utilizado por António com a intenção de relembrar fatos ocorridos em sua vida, algo primordial para que ele desencadeie a retomada de seu passado. Como defendido por Halbwachs (2003), qualquer memória que se tenha não é exclusiva de uma determinada pessoa, pois sempre há um contexto social em volta dos fatos lembrados, portanto, envolve inevitavelmente outros sujeitos. Assim, a memória individual relaciona-se com a memória coletiva, dois pontos de discussões fundamentais na obra deste teórico.

Ainda segundo o referido autor, memória individual refere-se à memória que determinada pessoa constrói seu ponto de vista acerca de algo passado. Em contrapartida, a memória coletiva está inserida em meio à esfera social, de pessoas em conjunto, por meio da qual se concretiza a formação de representações sociais sobre coisas vivenciadas anteriormente.

Por esse motivo, Halbwachs (2003) não considera a memória como algo exclusivo de cada um dos indivíduos, mas como algo dependente dos contextos sociais que abrangem determinada lembrança.

Diante da busca por lembranças na esfera individual, precisa-se do ponto de vista e de recordações de terceiros sobre os acontecimentos passados, o que constitui a formação da memória em grupo (RIOS, 2013).

Mesmo que os depoimentos referentes a tais lembranças não pertençam a pessoas que verdadeiramente vivenciaram as situações lembradas, tratam-se de visões acerca de um mesmo fato e que foram construídas incessantemente através da reunião de testemunhos de muitos sujeitos. Nesse caso, é um processo que não pode ser efetivo de maneira isolada.

As lembranças de um grupo social, como visto, constituem-se a partir da memória individual e vice-versa, tornando-se algo cíclico no que tange ao resgate de memórias idealizado. Tal noção precisa ser considerada como um mecanismo que abrange um ponto de vista particular e vários outros pontos de vista de tantas outras pessoas, de modo a constituir a revelação de diversas

memórias relacionadas a determinado momento da vida ou da história em geral (VIANA, 2006).

Em relação à memória coletiva, Halbwachs (2003) chama atenção para o fato de que esta é marcada por um processo de continuidade, pois a retomada do passado requer algo construído diante da consciência de determinado grupo.

Nota-se que posteriormente haverá necessidade de rememorar este passado, assim que tal grupo não estiver mais presente em outras épocas, sendo bastante complicado definir a partir de que momento determinada história deixará de ser lembrada e, conseqüentemente, esquecida pelos demais grupos. Então, a continuidade permite com que possa haver a permanência de uma memória coletiva em meio a uma diversidade de grupos, não havendo uma delimitação exata para que a história passe para outra fase (VILLAS BÔAS, 2015).

A lembrança, nessa perspectiva, precisa ser encarada enquanto um elemento que possibilita a reconstrução do passado e que se fundamenta em dados da época atual, gerando sempre uma modificação das imagens que se tinha anteriormente a determinada passagem histórica, já que em certo momento haverá a reconstrução das memórias.

Assim, uma lembrança pode sofrer mudanças a partir da lembrança de terceiros, o que amplia a percepção a respeito de um mesmo momento passado.

Diante disso, a fixação de lembranças, na memória, não se fundamenta apenas na lembrança acerca dos fatos em si, porém volta-se ainda para os modos de pensar e de ser dos indivíduos. Uma narrativa que possui como base a memória individual de alguém, como o caso do romance de Valter Hugo Mães, comporta a formação de uma memória coletiva, descrita pelo grupo social apresentado na trama, tendo como base passagens que marcaram suas vidas e que são constantemente consultadas pelas personagens (VILLAS BÔAS, 2015).

Quando há a necessidade de lembrar alguma coisa, outras pessoas podem auxiliar à medida em que suas impressões sobre a referida época forem reveladas.

Portanto, diante da dificuldade em resgatar memórias quando se está sozinho, o auxílio de outros pode significar uma chance de recuperar coisas já esquecidas e que podem adquirir uma nova representação a partir deste momento de troca.

Além disso, até mesmo para as pessoas que não vivenciaram um dado acontecimento histórico, torna-se possível constituir representações sobre tal época somente a partir de lembranças alheias (VILLAS BÔAS, 2015).

Nesse caso, o coletivo em contato pode fortalecer a memória individual de um sujeito, como se fosse um sistema de aquisição de lembranças.

4 A MEMÓRIA EM A MÁQUINA DE FAZER ESPANHÓIS

De acordo com o exposto no segundo capítulo, no romance *a máquina de fazer espanhóis*, de Valter Hugo Mãe, a construção da narrativa se dá por meio do personagem António Silva, narrador que resgata as memórias expostas na obra. No momento em que sua filha o abandona em um asilo, “o lar da felicidade, assim se chama o matadouro para onde fui metido” (A MÁQUINA DE FAZER ESPANHÓIS, 2010, p.30), sua mente começa a ser tomada por divagações que o remetem ao passado.

À medida em que isso passa a tomar conta dele, há a percepção de que as outras pessoas naquele lar também vivenciam esse mesmo processo de relembrar coisas da vida que marcaram em sua essência, o que gera, conseqüentemente, a preservação da identidade de cada uma delas, tendo em vista suas particularidades e semelhanças entre si. Essa busca da identidade é percebida logo no primeiro capítulo na fala do personagem que vai marcar a trajetória do senhor Silva desde o hospital, na morte de Laura, até sua estadia no lar de idosos:

somos todos silvas neste país, quase todos, crescemos por aí como mato [...] mas somos bons homens, podemos acreditar no que quisermos, seremos sempre bons homens, nós, os portugueses, somos mesmo, ponha isso na sua cabeça, colega silva, e a mim ninguém me apanha diminuído como outrora, somos europeus, eu sou um silva da europa (A MÁQUINA DE FAZER ESPANHÓIS, 2010, p.7).

Passado e presente aparecem em diálogo no livro de Valter, considerando que as passagens da vida de António recordadas por ele estão completamente em contato direto com o percurso histórico de Portugal voltado para a época do salazarismo. Manipulados por meio da propaganda salazarista os portugueses viviam alienados da realidade política de seu país, como podemos confirmar por meio de várias passagens na narrativa, por exemplo:

e foi assim que nos casámos, cheios de vivacidade e entrega ao futuro num país que se punha de orgulhos e valentias [...] viva salazar viva salazar maria imaculada mês de maio mês dos lírios e das rosas mês de maria coração de maria, dai-nos o vosso amor santa maria (A MÁQUINA DE FAZER ESPANHÓIS, 2010, p.48).

Os pontos de vista dele e de seus colegas são expostos como uma maneira de resgatar informações de um passado que imprimiu grandes interferências em sua formação enquanto indivíduos. A memória do senhor Silva

remonta ao seu próprio passado e de seus colegas, aqueles que se encontravam na mesma situação que ele: tentando entender mais sobre sua identidade a partir de suas vivências (AFONSO, 2010). Como no trecho em que o narrador lamenta a perda de um filho:

não foi culpa do padre, nem da igreja e nem de deus. foi só o triste acaso de sermos miseráveis num país de miséria que não esperava de nós mais do que o brio e o sacrifício mudo. havíamos sacrificado o nosso primeiro filho [...] esperaram que a vida se prezasse ainda, feita de dor e aprendizagem, feita de dor e esperança, feita de dor e coragem, feita de dor e cidadania, feita de dor e futuro, feita de dor e deus e Salazar (A MÁQUINA DE FAZER ESPANHÓIS, 2010, p.49).

Dessa maneira, as lembranças podem servir para camuflar a vida solitária desses indivíduos, de modo que seu tempo seja preenchido com as lembranças, permeadas por pessoas, fatos e sentimentos diversos. É nesse momento em que se manifesta a busca pelo sentido da vida, recorrendo ao que já foi vivido a fim de verificar o verdadeiro valor que suas ações significaram ou como contribuíram para sua atual situação de vida.

As perdas sucessivas ao longo da vida ficaram, em tese, semelhantes à perda das lembranças, motivada pela dificuldade em resgatar as memórias por conta da idade avançada.

O confinamento de António, no asilo, acarreta muitos questionamentos em relação ao significado de sua vida, fazendo com que ele tenha vários momentos de reflexão e volta ao passado, enquanto o momento de sua morte não chega. Podemos perceber esse processo de retomada do passado logo no início do segundo capítulo quando o narrador rememora a perda da esposa e o momento de sua ida para o lar de idosos “a laura morreu, pegaram em mim e puseram-me no lar com dois sacos de roupa e um álbum de fotografias” (A MÁQUINA DE FAZER ESPANHÓIS, 2010, p.13).

Após sentir-se abandonado pelos filhos António Jorge Silva reavalia seu passado e busca um sentido para a vida. Diante disso, pode-se afirmar que a concepção de memória individual explicitada no tópico de discussão simboliza a ferramenta indispensável para o entendimento do contexto no qual o narrador estava inserido, assim como sua situação após ter perdido a esposa.

Ao conviver com idosos que estavam na mesma situação que ele, abandonados pela família e à espera do momento final da vida, o senhor Silva

considera suas lembranças como meio de se questionar sobre a postura que assumiu em seu passado e de que forma isso implicou em seu presente.

Do mesmo modo, faz-se o mesmo tipo de reflexão sobre a sociedade portuguesa da época como um todo: pretende entender como os atos do passado, ocorridos no país, explicam sua situação no momento presente (FRANZ, 2016). Em algumas passagens a narrativa adquire um tom de lamento causado pelas lembranças de um tempo que não representava orgulho algum ser português:

podias ser francesa, elisa. podias ter sido francesa, embora nos dê um orgulho tão grande a resistência que te permitiu ser portuguesa e, assim, herdar portugal. portugal é teu, minha filha, é teu, mesmo assim difícil de compreender [...] não queríamos ser franceses, queríamos que os portugueses fossem mais felizes, isso é que era, e que se fodessem os espanhóis e o general franco que era uma merda como a que aturávamos nós. (A MAQUINA DE FAZER ESPANHÓIS, 2010, p.50).

Vale lembrar ainda que as lembranças de Silva surgem sempre em meio a muitas críticas suas ao próprio passado. Ele se sente impotente e envergonhado por não ter lutado contra o regime de Salazar, por ter aceitado tudo de acordo com o que estava sendo passado para a população por meio de manipulações, por não ter se questionado sobre a situação do país além de sua própria experiência enquanto cidadão, entre outras inquietações.

[...]colocar a família no centro das coisas, eu deixava que a sociedade fosse apodrecendo sob aquele tecido de famílias de bem, um mar imenso de famílias de aparências, todas numa lavagem cerebral social que lhes punha o mundo diante dos olhos sublinhado a lápis azul, para melhor vermos o que melhor queriam que apreciássemos [...] parecíamos um grande cenário de legos, pobrezinhos mas tão lavadinhos por dentro e por fora, a obedecer, divertam-se, gentes da minha terra, não é desgraça ser pobre, punha-se a amália a dizer, e que numa casa portuguesa há pão e vinho e um conforto pobrezinho e fartura de carinho. (A MÁQUINA DE FAZER ESPANHOIS, 2010, P.76)

Nesse momento, estabelecia-se um conflito de identidade de Silva a respeito de si mesmo e da história que envolve as relações de poder em sua nação.

A ressignificação da existência do protagonista pode ser entendida como o ponto final do romance. O período correspondente à ditadura de Salazar em Portugal abrangeu grande parte da vida de António, portanto, esse momento acabou impregnando muitas marcas na sua formação enquanto indivíduo.

As lembranças resgatadas por ele funcionam como uma forma de refletir sobre sua própria personalidade e sobre os acontecimentos ao longo de sua vida, ao lado da família. Quando já está próximo de sua morte e após muitas reflexões, seu questionamento sobre si mesmo torna-se ainda mais enfático, o que o revela como alguém que está mais consciente sobre sua verdadeira essência pessoal (FRANZ, 2016).

O capítulo intitulado *a promoção da beleza de ser pobrezinho* é um bom exemplo de como se dá a relação entre memória individual e memória coletiva:

sabe, senhor silva, é preciso que se suje o nome de salazar para todo o sempre, é preciso que o futuro lhe reserve sempre a merda para seu significado, para que os povos se recordem como foi que um dia um só homem quis ser dono das liberdades humanas, para que nunca mais volte a acontecer que alguém se suponha pai de tanta gente, este tem de ser um nome de vergonha, o nome de um porco, para que ninguém, para a esquerda ou para a direita, volte a inventar a censura e persiga os homens que têm por natureza o direito de serem livres (A MÁQUINA DE FAZER ESPANHÓIS, 2010, p.78)

O narrador deste romance, no decorrer do resgate de suas lembranças descritas no livro, parece querer fazer com que sua apatia em relação ao autoritarismo seja justificada, pois ele tenta explicar de forma que possa parecer plausível o porquê de não ter sido rebelde em meio a esse contexto histórico.

Por conseguinte, essa busca promove o despertar de um sentimento coletivo, embora tenha partido de uma inquietação particular de António. Portanto, a recuperação de sua memória pessoal, individual somente é alcançada graças à memória de outras pessoas, ou seja, a memória coletiva (SILVA, 2015).

De certa forma, o trabalho construído pelo autor foi uma boa representação do que ocorre com a memória de pessoas na terceira idade, com a demonstração das dificuldades que estas têm em resgatar fatos ocorridos ao longo de sua vida.

Sendo assim, acaba fazendo um retrato da vida dos idosos que geralmente esquecem grande parte das coisas pelas quais já passaram, o que torna-se essencial para que o narrador seja melhor entendido enquanto pessoa, revelando-se como alguém que se vê diante de fatos anteriores que construíram a sua identidade, tendo como base a memória individual e a memória coletiva (AFONSO, 2011).

Em *a máquina de fazer espanhóis*, as memórias relativas à história de Portugal são decorrentes das dúvidas que o senhor Silva ainda tinha acerca de sua própria pessoa, no sentido de querer saber quem, de fato, ele era, o que representava, o que sua vida havia significado até aquele momento, qual era a importância em continuar vivendo, etc.

A partir das inquietações relacionadas a si mesmo, foi possível resgatar passagens históricas que não fizeram parte apenas da sua vivência, mas de diversos outros indivíduos. Desse modo, as memórias de Antônio são legitimadas por meio da posição de narrador, que está refletindo sobre sua identidade, mas acaba promovendo uma visualização muito além, em um percurso que envolve o âmbito histórico de seu país (DUSILEK, 2015).

Partindo de sua subjetividade entende-se que o narrador do romance impulsiona a narrativa pura e simplesmente para seu passado, sem maiores proporções, mas a memória acaba sendo aprimorada de tal maneira que passa a ocupar um espaço de tamanho considerável e norteador na trama.

Neste sentido, a Literatura assume a tarefa de ser um depósito de memórias, as quais necessitam estar presentes sempre a fim de que não sejam esquecidas a curto ou a longo prazo. Com a intenção de sintetizar como a memória se mostra ao longo da obra em questão, Silva (2015) expõe que:

Antônio Silva mergulha nos recantos de suas lembranças para se curar dos erros [...], enquanto, paralelamente, reconstrói – através da fenomenologia mnemônica – um retrato de Laura para o leitor. Estamos, em amplos traços, diante de uma odisseia contemporânea, na qual o trabalho do personagem não se prende aos esforços do rito de iniciação do herói antigo de ir aos infernos e recuperar, no longo percurso de sua trajetória, aquilo que lhe garanta o estado de deus. Antes, trata-se de uma corrida contra o restante do tempo de vida para recuperar os desfigurados pedaços de uma metafísica destruída pelas pancadas da mesma vida, rever a própria esperança guardada nas coisas. Antônio Silva é, antes de tudo, aquele que deixou de ver a morte como mecanismo de fuga para suas próprias crises, que mergulha nas profundezas de seu inferno particular de memórias para compreender que, mesmo estando em um asilo, a contragosto, por causa de seus próprios filhos, foi capaz de refazer ali “uma outra família [...]” (SILVA, 2015, pp. 10-11)

Nessa conjuntura, o passado surge como parte fundamental na vida de Antônio e seus colegas, no que se refere à busca deles sobre o sentido da própria existência, por meio de uma longa reflexão sobre tempos de outrora.

O tom dessa reflexão não chega a ser de forma alguma harmonioso, mas sim de uma grande retomada de dores que ainda podem ser sentidas sobre

a época da ditadura portuguesa. Mais uma vez, ressalta-se a relação entre memória e história presente nesse romance, a qual imprime significados muito importantes para a Literatura (RIBEIRO, 2016).

Apesar de sua memória já não ser tão veloz por causa da idade avançada, António Silva lembra ainda de muitas coisas que ocorreram em seu passado, o que comprova que tudo aquilo que ele recordava ainda estava presente e possui significados em sua vida, contribuindo para a formação de sua identidade.

Por exemplo, quando ele lembra que mesmo não sendo a favor de ditaduras não chegou a realizar ações que comprovassem sua oposição ao regime implantado, pelo contrário, fazia tudo de acordo com o imposto pelo governo:

[...] achavam que um cliente do meu estabelecimento estava na resistência, pertencia a uma oposição agressiva, de passar armas entre os malfeitores e atentar contra a ordem pública que era preciso preservar, andaram às voltas com aquilo, percebi, ao fim de um tempo, que não desconfiavam de mim e dei graças ao meu espírito covarde e prevenido por ter proibido a presença de qualquer material propagandístico na barbearia [...]. (A MÁQUINA DE FAZER ESPANHÓIS, 2010, p. 98)

Desse modo, ao relembrar esse tipo de situação, trata-se de uma maneira de constatar que aquilo se formou como parte de sua essência, então ainda tinha algum significado para sua situação atual, o passado ainda estava presente.

Por isso, a todo custo, ele tinha o desejo de esquecer de uma porção de situações que o acometiam com tristezas e conflitos internos, mesmo que fossem coisas passadas há muito tempo. Acima de tudo, sua memória resistia ao tempo no decorrer da história.

4.1 A REPRESENTAÇÃO DA MEMÓRIA NO PERÍODO SALAZARISTA

Com sua ascensão ao poder desde o ano de 1932, António de Oliveira Salazar, visto como o “paizinho” da nação de Portugal, na realidade, foi um ditador. Como estadista nacionalista português, inspirou-se em ideias advindas do nazi-fascismo, enfatizou a doutrina social exercida pela Igreja Católica, tendo como foco o corporativismo de Estado.

A época salazarista chegou ao fim apenas após a Revolução dos Cravos, um movimento ocorrido em 1974 que buscava transformações políticas no país. O período de Salazar como governante de Portugal é uma constante nas memórias de Silva e seus colegas no asilo, o que é descrito de maneira a deixar claro que os portugueses passaram por um regime autoritário, porém, isso foi percebido aos poucos, já que durante um bom tempo o “paizinho” possuiu muitos simpatizantes (CARREIRA, 2012, p.175).

O que causa mais angústias no protagonista ao reviver suas memórias é o fato de ele ver a si mesmo como um covarde, alguém que não lutou contra o regime de Salazar, pois preferiu ficar em silêncio. Entretanto, ele tentava contornar a situação em sua mente relembando que essa era a atitude mais prudente que poderia ter tomado naquele período, ou seja, era algo motivado pelo temor ao governo e a PIDE (Polícia Internacional de Defesa do Estado), tendo em vista seu zelo pela vida da família e o que poderia vir a acontecer caso se comportasse como rebelde. Em relação a isso António Silva relembra o dia em que covardemente ajudou o jovem comunista a esconder-se da PIDE:

terça-feira, dia cinco de setembro de mil novecentos e sessenta e sete. uns minutos antes de fechar a barbearia, já a luz apagada e o chão varrido, um homem assustado entrou por ali adentro e fitou-me [...]eu olhei para aquele homem que ali se pôs diante de mim, emudecido de medo, e indiquei-lhe o compartimento interior da barbearia [...] ficara o homem em fuga. um homem muito mais jovem do que eu que, ao contrário de se ter habituado à ditadura, andava a miná-la como sabia, criando brechas aqui e acolá para que ao menos se soubesse que o povo gangrenava descontente, era o mais terrível de se fazer, porque o que o estado novo menos queria de nós era a resistência (A MÁQUINA DE FAZER ESPANHÓIS, 2010, p.74)

Essa é uma lembrança que causa remorso em António, tanto que ele não tem coragem de compartilhá-la com nenhum de seus amigos do asilo, nem mesmo com o enfermeiro Américo por quem sentia grande apreço. É uma lembrança que ele guarda para si pela vergonha da atitude que teve mais tarde em relação ao jovem comunista.

no dia vinte e cinco de setembro de mil novecentos e setenta e um, um sábado, os pides entraram na barbearia às onze horas da manhã e levaram o rapaz [...]deixou-se levar como se fosse um desconhecido que ali entrava sem outro fito além daquele de cortar o cabelo, eu entregara-o três dias antes. os pides andavam às perguntas à laura, que genuinamente não sabia de nada, percebi, ao fim de um tempo, que não desconfiavam de mim e dei graças ao meu espírito covarde e prevenido por ter proibido a presença de qualquer material propagandístico na barbearia (A MÁQUINA DE FAZER ESPANHÓIS, 2010, p.98)

Portanto, mais outro pensamento tornava-se recorrente a isso: a percepção de que uma atitude coletiva do povo, na época, poderia gerar benefícios, mas cada um em sua subjetividade achou melhor ficar na mesma situação de Silva, no que se refere a não enfrentar o governo para que possíveis problemas fossem evitados. Por esse motivo António Silva preferiu se manter alheio ao que acontecia em seu país:

eu e a lura fizemos a vida através de um padrão discreto de rebeldia, era uma rebeldia nenhuma, mas antes uma mágoa que não nos fazia agir contra nada nem ninguém, e só nos amargava as ideias para os intentos dos outros, isto passava sobretudo pelo regime, claro, ao qual não desobedecíamos mas do qual não gostávamos particularmente, era uma prudência, como afirmávamos nas poucas conversas secretas em que mencionávamos entre os dois o assunto, e não foi o rapaz estudante, comunista e revolucionário, que ajudei um dia na barbearia, capaz de mudar algo na minha maneira de me preocupar com os outros (A MÁQUINA DE FAZER ESPANHÓIS, 2010, p.96)

As memórias de António Silva se manifestam constantemente por meio de uma carga crítica que ele possui contra si próprio, um conflito de identidade de Silva em meio à história do país que abrange a questão das relações de poder vigentes na ditadura salazarista. Por isso agora já na velhice entende “que gostava de saber que algumas pessoas tinham menos medo e menos compromissos do que eu e faziam algo para que as coisas mudassem (A MÁQUINA DE FAZER ESPANHÓIS, 2010, p.77).

Entretanto, essa conotação e comportamento, de certo modo egoísta, não era algo exclusivo dele, pois os portugueses foram orientados a se manterem fechados e a obedecerem o que vinha sendo imposto pelo governo, caso contrário, teriam problemas, o que acabava fazendo com que o sistema se tornasse mais forte (AFONSO, 2011).

O salazarismo em Portugal acaba se transformando em uma ferramenta que deixou a nação sem perspectivas e sem liberdade alguma, o que culminou em uma grande vontade de poder estar e viver em outro local. Dessa forma, “ser um português capaz de compreender a realidade do país é lamentar a independência, e perceber que Portugal estaria melhor se pertencesse à Espanha” (FRANZ, 2016, p. 58), o que se pode compreender melhor através do trecho abaixo:

portugal ainda é uma máquina de fazer espanhóis, é verdade, quem de nós, ao menos uma vez na vida, não lamentou já o facto de sermos

independentes, quem, mais do que isso até, não desejou que a Espanha nos reconquistasse, desta vez para sempre [...] as mulheres portuguesas é que faziam os espanhóis. abriam as pernas e pariam-nos a todos, estes espanhóis enfeitados, arrependidos, com vontade de voltar a casa, para terem melhor casa, melhores salários, uma dignidade à grande e não esta coisa quase a tombar ao mar, como se cada vez mais pressionada contra a parede, a suicidar-se, cheia de saudades, remorsos, queixas e tristezas profundas. (A MÁQUINA DE FAZER ESPANHÓIS, 2010, p. 104).

A passagem destacada anteriormente serve para ilustrar o sentimento de inferioridade que na época era uma característica extremamente notável em Portugal, fazendo com que os portugueses desejassem ser espanhóis. Por esse motivo, para o autor, a máquina de fazer espanhóis eram as próprias mulheres portuguesas, que faziam “portugueses sempre prontos a lamentar a independência” (CARREIRA, 2012, p. 271).

O narrador, personagem do romance abordado, traz de volta em sua mente várias reminiscências sobre o passado vivido em sua subjetividade e de forma coletiva no contexto do salazarismo em Portugal, o qual também foi vivenciado pelos colegas de asilo.

Através do resgate de memórias, *a máquina de fazer espanhóis* revela-se como uma grande descrição histórica do período ditatorial em Portugal em meio a uma época tomada pelo discurso nacionalista e religioso, onde a população deveria se mostrar conivente com as situações pelas quais tiveram que passar. Antonio relembra com pesar a opção de ter se mantido omissa ao que acontecia em seu país “ninguém soubera do quanto me amedrontei egoísta naquele tempo do regime, que cagão de homem fui, um burro sonso a remoer por dentro as agruras de aceitar e aceitar sempre calado” (A MÁQUINA DE FAZER ESPANHÓIS, 2010, p.100).

Logo, tudo isso contribuiu para a ascensão da figura de Salazar no país, ocasionando um movimento fascista que teve os portugueses como uma espécie de cúmplices, já que eram manipulados para que achassem que tudo aquilo estava em conformidade com o que deveria ocorrer na sociedade da referida época.

A narrativa é reveladora no que se refere ao dia a dia dos portugueses durante o período em questão, e para perceber as referências do autor importa lembrar que Salazar pautou o seu governo em três pilares: Família, Estado e Religião. O antigo professor de Coimbra conseguiu organizar as finanças do país, o que lhe garantiu uma inesperada popularidade; mas essa não foi a única razão de sua longa permanência no poder: tendo usado a propaganda

maquiavelicamente, e a repressão com eficácia, o regime manteve o povo português sob controle durante quase 50 anos (1926-1974). Nesse período, as únicas emoções que podiam ser demonstradas sem medo eram a rivalidade entre os times de futebol, a aclamação patriótica e o fervor religioso. Sendo assim, para além do próprio ditador, os ídolos desse período foram o jogador de futebol Eusébio, a fadista Amália Rodrigues e a milagrosa Nossa Senhora de Fátima; todos mencionados no decorrer da narrativa. (AFONSO, 2011, p. 57)

De acordo com Franz (2016), os debates propostos pela obra sobre as questões nacionais relacionadas ao trauma da época em que Salazar esteve no poder, são postos em prática mediante uma narrativa ficcional que evoca memórias, as quais ocorrem no momento presente em que o narrador personagem vive tomado por lembranças sobre seu passado.

Tais lembranças pessoais e relacionadas a todo um momento histórico representam uma maneira de tentar entender a si mesmo em relação ao que se é no presente, o que faz “alusão tanto ao seu estado na velhice abandonada, utente de um asilo, como ao do país, abalado por longa crise econômica” (FRANZ, 2016, p. 90).

A ditadura salazarista em Portugal serviu como pano de fundo para uma boa parte da vida de António, o que gerou marcas profundas no que tange à sua formação enquanto indivíduo atuante na sociedade. Todas as reminiscências oriundas através de suas buscas por memórias ocasionaram grande reflexão a respeito de sua própria personalidade, de sua constituição como ser humano e todas as fases pelas quais passou ao longo de sua vida junto à família.

À medida em que sua morte vai se aproximando, as reflexões de Silva contribuem cada vez mais para o conhecimento de sua verdadeira essência.

A memória de António serve como primeiro passo para que suas lembranças constituam a representação do passado em forma conjunta aos colegas, tornando real a memória coletiva durante esse percurso, como integrante de uma sociedade, a qual tem a coletividade como característica. De qualquer forma, ele estaria sujeito a isso, pois não foi o único a ter recordações sobre a época da ditadura em seu país, o que permite, como sequência, o alcance da dimensão histórica.

4.2 OS SENTIDOS DA MEMÓRIA

O protagonista Silva, em sua situação como idoso deixado pela família em um asilo, começa a perceber-se como alguém inútil, o que aumenta ainda

mais a percepção acerca de sua imagem no momento: como um homem envelhecido e que tende a tentar resgatar algumas coisas a partir de sua memória.

Toda a história vivida por ele foi impactante nessa fase, pois ele rememorou diversos acontecimentos que causaram profundas transformações em seu país. Sendo assim, sentindo-se inconformado por ter esse destino, sua memória começa a trabalhar vigorosamente.

Como avalia Franz (2016), no plano consciente, António Silva passa a atuar como uma voz crítica em relação ao histórico de Portugal do qual foi testemunha, refletindo acerca da época em que ele, “como toda a nação, se submeteu por alienação durante os muitos anos de ditadura salazarista” (FRANZ, 2016, p. 87).

A partir disso, Silva passa por alguns episódios de inconsciência, os quais são perceptíveis tanto em seus momentos de delírio, quanto de pesadelo, que terminam por aumentar a sua vontade de poder estar livre e fora do lar de idosos. Essa confusão de Silva em meio às memórias advindas de sua mente resulta em uma agressividade maior de sua parte, momento em que chega a agredir outros idosos do asilo.

[...] eu avancei cinco passos e levantei o livro por sobre a cabeça do senhor medeiros e depois a força da gravidade, e o que restava dos nervos do meu próprio braço, levaram-lhe o livro num ruído de vingança que me excitou de terror, o espanhol dizia, cabrão de diabo, e repetia mais depressa, cabrão de diabo, e depois rejubilava dizendo, sou português, sou de badajoz de portugal, ninguém me tira daqui, ninguém me tira daqui, eu sou português, e eu bati três e quatro vezes com o livro na cabeça do maldito homem e depois fizemos silêncio, o espanhol calou-se, o senhor pereira disse, vamos embora. e eu respondi, está a faltar-me o ar, não consigo respirar, o meu amigo gritou-me, chegue-se aqui, chegue-se para aqui, senhor silva, e eu recuei, com o peito a rebentar, tombando perto dele como caindo-lhe no colo. não podia bem falar, a dor obrigava-me a contorcer-me, a espernear no chão. o senhor pereira desatara a chorar, já no corredor se ouviam passos de quem certamente ouvira o nosso barulho e os gritos do espanhol, a enfermeira entrou, estávamos sem fôlego, assustados, julgando morrer, o senhor pereira, lavado em lágrimas, disse, temos medo. temos medo de estar aqui. [...] (A MÁQUINA DE FAZER ESPANHÓIS, 2010, p. 130)

Segundo Carreira (2012), a literatura tem se mostrado atualmente como um local de memória, um espaço que expressa memórias individuais e coletivas. Algumas vezes, a literatura se configura como espaço em que é discutida não a memória em si, porém o esquecimento.

No decorrer da narrativa de Valter Hugo Mãe, a situação exposta é a de um homem que, até então, antes de uma reflexão mais profunda, se vê como um homem que perdeu sua identidade. Entretanto, as lembranças que passaram a retornar em sua memória desafiaram tal visão e, por conseguinte, ao revisar sua própria história, acaba tendo várias reminiscências do passado que gostaria de esquecer por estar diretamente relacionado ao período salazarista “com o qual foi conivente, sempre com a desculpa de que o fazia por prudência, para proteger a família das arbitrariedades do governo” (CARREIRA, 2012, p. 269).

Diante disso, a autora avalia que “o fantasma da própria covardia apossa-se de sua memória à medida que revisita o passado e se dá conta de sua submissão à política de Salazar”, (CARREIRA, 2012, p. 270) que tinha em sua ideologia “Deus, Pátria, Família”, porém, na realidade, agia com extrema repressão no que tange às possibilidades de oposição política.

Então, nesta obra, a história vinculada à memória exerce o papel de situar a literatura como forma de visitar um passado extremamente complexo e causador de grandes angústias que duram, inclusive, até o momento presente nas esferas individual e coletiva.

Assim como visto durante a discussão sobre o conceito de memória, as lembranças de um grupo social possuem como ponto de partida uma memória individual, o que poderia ocorrer também de forma inversa, caso o autor desejasse, pois trata-se de um ciclo em relação ao processo de resgate de memórias. O que foi feito na obra em análise, como defendido por Halbwachs (2003), foi transmitir a ideia de que é necessário observar as memórias individuais a fim de verificar como pode ocorrer os impactos advindos dessas lembranças no interior de uma sociedade.

Portanto, são perceptíveis em *a máquina de fazer espanhóis* as noções de memória individual e memória coletiva, as quais são reveladas ao leitor por meio das lembranças que surgem a todo momento no ambiente do lar de idosos, mostrando várias memórias referentes a momentos diversos da vida e da história vivida pela nação portuguesa. Sobre isso, Raposo e Rodrigues comentam:

[...] a memória, seja ela coletiva ou individual, tanto servirá como fonte para as narrativas históricas quanto também será elemento desencadeador de narrativas literárias, as quais podem ser baseadas na rememoração de experiências vividas pelo sujeito que rememora seu passado ou na representação de lembranças que foram experienciadas por determinada geração e narradas por seus

descendentes. Nessas memórias narradas, destaca-se que o lembrar do passado está diretamente inter-relacionado à representação da história, ao modo como essas gerações interseccionam sua subjetividade ao contexto histórico referido. (RAPOSO; RODRIGUES, 2014, p. 91).

A narrativa construída por Valter Hugo Mãe recupera permanentemente a memória do narrador António, junto a uma contraposição em sua condição atual como homem idoso. Em algumas passagens do texto, nota-se que o senhor Silva não consegue diferenciar o aspecto real e a dimensão dos sonhos e até mesmo saber onde está. Então, as dificuldades em lembrar coisas passadas na terceira idade também são retratadas na trama com a referida dualidade.

A obra em questão dá destaque para a memória, ressaltando sua importância enquanto mecanismo para reconstrução do passado, o que, sem dúvida, motiva um maior questionamento e desejo para desconstruí-la ou desmistificá-la a partir de diversos pontos de vista teóricos.

Sabe-se que, logicamente, a volta ao passado, através das lembranças, no romance de Valter, ocorre de maneira dolorosa, devido ao resgate de muitas coisas que acarretaram sofrimento às personagens e de coisas pelas quais se sente saudade e não se pode mais reviver, contudo, este processo serviu para que os sujeitos envolvidos se libertassem de coisas que não faziam mais sentido lembrar naquele momento, o que acabava trazendo estas pessoas de volta para o presente.

A respeito da discussão da memória baseada em fatos históricos feita em *a máquina de fazer espanhóis*, Raposo e Rodrigues (2014) afirmam que tal procedimento resulta na observação da trajetória de um país que tinha como objetivo tornar-se um império de grandes dimensões, conquistando e colonizando várias terras, porém, não conseguiu a manutenção de seu *status* (REAL, 2012).

Com o surgimento do Estado Novo, houve a imposição de uma nova cultura e com o discurso nacionalista, o que posteriormente foi percebido como estratégia fascista. Como lembra o narrador o que lhe dissera o jovem comunista um dia ajudou a esconder-se:

o salazar foi como uma visita que recebemos em casa de bom grado, que começou por nos ajudar, mas que depois não quis mais ir-se embora e que nos fez sentir visita sua, até que nos tirou das mãos tudo quanto pôde e nos apreciou amaciados pela exaustão, a maioriasilenciosa terá de emergir um dia, dissera-me por outras

palavras o estudante comunista, tudo era para que não praticássemos cidadania nenhuma e nos portássemos apenas como engrenagem de uma máquina a passar por cima dos nossos ombros, complexa e grande demais para lhe percebermos o início, o fim e o fito de cultivar a soberba de um só homem (A MÁQUINA DE FAZER ESPANHÓIS, 2010, p.99)

No momento em que se objetiva compreender quais os sentidos das constantes memórias buscadas por meio da narrativa da obra, pode-se constatar que a visão de Silva sobre a realidade de Portugal, referente à época da ditadura de Salazar, acaba revelando uma amplitude de relações de poder.

Há de um lado da narrativa uma coexistência entre as memórias do passado de Antônio – marcadas pela vida com a esposa, Laura, assim como pelo regime da ditadura salazarista; enquanto, do outro lado, há um imperativo incômodo com o presente que se mostra referto de dores e melancolias, a saber, as saudades da esposa que faleceu e o inconformismo com a situação em que se encontra com os filhos (SILVA, 2015, p. 11)

Outro elemento marcante relacionado ao papel da memória no livro de Valter Hugo Mãe trata-se do fato de Silva ter conseguido tornar-se consciente de sua alienação e covardia na época da ditadura. Esse foi um processo vivido por ele com muita dor e pesar, todavia, Silva costumava sempre se apoiar no consolo de que suas atitudes silenciosas frente ao movimento eram a única saída possível para garantir sua sobrevivência naquele regime.

Havia, então, a realização dos atos de lembrar, questionar, duvidar e refletir sobre o próprio passado, incluído em um momento tão complicado na história dos portugueses (DUSILEK, 2015).

Nessa perspectiva, rememorar o passado de Portugal no período de Salazar serviu para expor uma série de memórias, as quais tiveram como resultado um sofrimento no presente motivado pelo sofrimento de uma época passada. Esse sofrimento em relação ao passado é expressado pelo personagem Silva da Europa ao ver o narrador entregue à tristeza após a perda do amigo Esteves, o sem metafísica:

sabe o que é que afinal foi mesmo uma máquina para roubar a metafísica aos homens, perguntou aquilo e suspendeu--se no nosso ar, expectante, à espera de esclarecimento, o estupor da ditadura, a ditadura é que nos quis pôr a todos rasos como as tábuas, sem nada lá dentro, apenas o andamento quase mecânico de cumprir uma função e bico calado, a ditadura, colega Silva, a ditadura é que foi uma terrível máquina de roubar a metafísica aos homens (A MÁQUINA DE FAZER ESPANHÓIS, 2010, p.84).

De acordo com o que foi possível notar por meio da pesquisa, *a máquina de fazer espanhóis* consiste em um romance onde a memória de um idoso acaba reconstruindo os caminhos iniciados mediante a época salazarista, trazendo à tona, através da memória de Silva e dos demais moradores do asilo, várias situações de cunho fascista e marcadas pela violência. Por esse motivo, o “passado, aqui, divide espaço com a culpa de existir em um período de repressão e de ter contribuído para ele” (SILVA, 2015, p. 2).

Ao final da obra, surge uma lucidez por parte do protagonista, o qual descobre que ali no lar de idosos havia resgatado e, finalmente, compreendido o verdadeiro valor das amizades, momento no qual ele consegue ver que, como lembra Afonso (2010), os conceitos que possuía acerca do amor e da família estiveram permanentemente equivocados e que, “antes de ser por Portugal, como pregava a propaganda fascista, ele deveria ter sido pelos portugueses” (p. 61).

Nesse sentido, Silva pôde atentar para seu estado de silêncio e convivência na época de Salazar, o que lhe causou vergonha. A angústia que lhe acompanhou até o momento final da vida foi provocada pelo resgate de memórias, iniciado a partir do momento em que se viu sem a companhia da esposa e entregue pela família a outro ambiente, o qual não era seu lar (RAPOSO; RODRIGUES, 2014).

Então, suas memórias auxiliaram-no a ver o quanto o nacionalismo de outrora foi algo incontestavelmente alienante e que provocou diversos reflexos em sua vida.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabe-se que a memória é considerada como uma das principais inquietudes culturais da pós modernidade, haja vista, na literatura, é possível encontrar obras que conseguem se destacar com a presente temática no seu processo narrativo. Nesse sentido, as descrições memorialísticas vão muito além da natureza fluida da memória e se encontram mais relacionadas com a preocupação humana de manipular os conjuntos de lembranças bem como o pensamento coletivo de determinado tempo ou evento histórico.

Acredita-se, dessa maneira, que a narrativa de *a máquina de fazer espanhóis*, é muito mais do que mera representação de um passado ligado ao autoritarismo e opressão do salazarismo português, até porque, ao fazer a leitura do romance, entende-se que a obra desafia versões hegemônicas da história que precisam ser desmascaradas nas páginas literárias.

Partindo dessas considerações, este estudo teve como objetivo geral analisar o papel da memória no romance *a máquina de fazer espanhóis* de Valter Hugo Mãe. Durante a análise percorremos a narrativa e, embasado no aporte teórico, atingimos nossos objetivos específicos elencados no início desta pesquisa.

No que diz respeito ao primeiro objetivo específico, identificar o papel da memória individual na narrativa de *a máquina de fazer espanhóis*, podemos considerar que a obra em questão se desenvolve a partir das reminiscências do narrador António Silva, suas memórias são o ponto de partida e de chegada durante toda a narrativa. As lembranças do narrador lhe causam angústia e pesar, pois, além da dor por ter de conviver com o abandono por parte dos filhos, ainda luta contra as lembranças de um tempo que deseja ser esquecido.

As memórias do senhor Silva remetem ao período da ditadura de Salazar em Portugal, um tempo marcado por opressão e controle social. Dessa forma, a memória individual atua como o indicador de um determinado período histórico, de um passado, possivelmente, silenciado na narrativa histórica e no imaginário português. Ao trazer à tona suas lembranças, o senhor António Silva reconstrói, no momento presente, seu ponto de vista acerca do que aconteceu no passado. A rememoração dos fatos vividos faz com que, aos poucos, os outros idosos do lar também passem a narrar suas lembranças e percebe-se que a narrativa

ganha uma dimensão memorialista permeada por lembranças que foram vividas de forma compartilhada, ou seja, de memórias que são coletivas.

O segundo objetivo desta pesquisa nos propusemos buscar estabelecer a inter-relação entre memória individual e memória coletiva. Na narrativa em questão a todo momento os idosos do lar relembram o passado, ora um acontecimento individual no âmbito familiar, ora um acontecimento do cenário social ou político. Ao narrar fatos vividos na esfera da individualidade, os idosos percebiam que outros também haviam vivido momentos parecidos, sendo então reminiscências de fatos ocorridos na coletividade, resquícios de lembranças que só podem vir à tona na atividade de contação dos fatos vividos no passado.

Vale lembrar que o ambiente em que se encontram facilita o processo de compartilhamento de lembranças entre pessoas que viveram em uma mesma época. Ao mesmo tempo que narram suas lembranças as validam, fortalecem a memória individual e constroem uma memória coletiva. As memórias narradas são validadas pela narração das lembranças dos outros idosos do asilo e apontam para a representação da memória de um determinado grupo social acerca de um dado momento histórico.

Por fim, o terceiro objetivo consiste em apontar a confluência entre memória individual e memória coletiva para a reconstrução de um passado comum aos personagens do romance. Nesse sentido buscamos questionar como se convergem a memória individual e a memória coletiva ao longo da narrativa.

Como bem nos lembra Halbwachs “o indivíduo participaria de dois tipos de memória” (2003, p. 71), entre esses dois tipos de memória a primordial seria a coletiva, uma vez que a memória individual é construída na perspectiva da coletividade pois depende do contexto social em que determinada lembrança foi gerada. Nesse sentido, a memória de Antônio serve como uma espécie de gatilho para que o passado dele e dos outros idosos do asilo seja retomado gerando um processo individual e coletivo ao mesmo tempo

Ao ouvir os relatos das lembranças de outros o sujeito incorpora as lembranças ouvidas a sua experiência como se as tivesse vivenciado, pois, nesse caso, o coletivo em contato pode fortalecer a memória individual como se o sujeito passasse por um processo de aquisição de lembranças. Em Walter Benjamin encontramos perfeita definição para explicar esse processo de

aquisição de lembranças “Articular historicamente um passado não significa conhecê-lo como ele de fato foi. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo” (1987, p.195).

A lembrança, nessa perspectiva, precisa ser encarada enquanto um elemento que possibilita a reconstrução do passado e se fundamenta em dados da época atual, gerando sempre uma modificação das imagens que se tinha anteriormente a determinada passagem histórica. Sendo assim, a memória coletiva se configura por meio das lembranças verdadeiramente vivenciadas e pelas situações relembradas por outras pessoas e incorporadas as lembranças de quem ouve, tratam-se de visões acerca de um mesmo fato e que foram construídas através da reunião de testemunhos de muitos sujeitos.

A partir de nossas discussões nesse trabalho, atingimos nosso objetivo geral que consiste em: analisar o papel da memória no romance *a máquina de fazer espanhóis*.

Como ponto primordial nesta obra, o elemento da memória se manifesta através das lembranças da geração de António em relação ao período ditatorial em Portugal. Nesse sentido a memória cumpre o papel de encenar o passado, principalmente o passado histórico que, por não ter sido vivido diretamente, precisa ser apreendido pelos grupos sociais.

A memória exerce um papel de remontar, na ficção, um possível passado histórico, um passado que se configura comum ao povo português. O compartilhamento das memórias torna o passado presente, a memória individual funciona como uma espécie de gatilho o qual lhes impulsiona a recordar a mesma época trazendo à tona lembranças de um tempo marcado por opressão e controle social que causou dor e sofrimento.

Portanto, pode-se dizer que a memória, da forma como é retratada em *a máquina de fazer espanhóis*, precisa ser vista como um recurso essencial para que o personagem consiga sentir-se vivo. Ao rememorar os fatos vividos o senhor Silva traz à tona suas lembranças individuais, o que faz com que seus companheiros do asilo evoquem suas próprias lembranças trazendo à baila um turbilhão de fatos vividos que impulsionam, na leitura do romance, a uma miscelânea de histórias que apontam para uma rememoração de fatos vividos coletivamente.

Em *a máquina de fazer espanhóis*, Valter Hugo Mãe faz uma exaltação à memória ao sistematizar seus processos dentro de uma narrativa em que cada personagem, ao embrenhar-se nos labirintos do passado, de forma individual, representa uma peça na engrenagem de uma grande máquina que é a memória coletiva.

Baseando-se na memória coletiva e na ficcionalização de fatos históricos, Valter Hugo Mãe cria uma versão individual que poderia ser a o reflexo de qualquer homem português do século XX. Silva ou não, a representação que se encontra no romance corresponde à memória de todos e ao mesmo tempo à memória de nenhum, porque afinal, o personagem do romance não passa de uma criação que transita a todo momento entre realidade e ficção.

Após alguns meses preparando este trabalho de conclusão de curso, damos por encerrado este texto. Ainda há muito a ser estudado sobre os aspectos que envolvem a memória na narrativa de *a máquina de fazer espanhóis*, ou ainda sobre outras temáticas presentes no romance, como a velhice, por exemplo. Deixamos aqui uma breve contribuição para futuros trabalhos que possam cooperar para descortinar os meandros da memória na obra de Valter Hugo Mãe.

REFERÊNCIAS

AFONSO, R. G. A máquina de fazer espanhóis, de Walter Hugo Mãe: Qualquer discurso pode ser autoritário. **Revista do Instituto de Humanidades - UNIGRANRIO**, Duque de Caxias, v. 9, n. 33, p. 54-63, abr.jun. 2010.

BENJAMIN, W. **Obras escolhidas**: Magia e técnica, arte e política. 3. ed. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CARREIRA, S. S. G. O mundo em minúsculas: uma leitura de *A máquina de fazer espanhóis*. **Letras**, Santa Maria, v. 22, n. 45, p. 265-275, jul./dez. 2012.

COSTA, J. C.; ALVES, L. K. Representações da memória na literatura e na cultura. **Revista Investigações**, Recife, v. 23, n. 1, p. 187-210, 2010.

DERRIDA, J. **A farmácia de Platão**. 2. ed. São Paulo: Iluminuras, 1997.

_____. **Mal de Arquivo**: uma impressão freudiana. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

DUSILEK, Adriana. **Metamemória e romance**. Curitiba: CRV. 2015.

FANTIN, M. C. M. B. Como um vírus: a doença do salazarismo e suas manifestações em *a máquina de fazer espanhóis* de Valter Hugo Mãe e *Afirma Pereira* de Antonio Tabucchi. **Via Atlântica**, São Paulo, n. 29, p. 353-370, jun. 2016.

FLICA. Valter Hugo Mãe. Disponível em: <https://flica.com.br/atracoes/valter-hugo-mae/>. Acesso em: 28 dez. 2018.

FRANZ, M. “Uma Consequência de Estar Mal Disposto”: A polissemia da metafísica em *A Máquina de Fazer Espanhóis*. **Revista Diálogos Mediterrânicos**, n. 11, p. 78-90, dez. 2016.

FREUD, S. Nota sobre o Bloco Mágico. In: FREUD, S. **Obras Psicológicas Completas**: o ego e o id e outros trabalhos (1923-1925). Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FREITAS, E.C; PRODANOV, C.C. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.

MÃE, V. H. **a máquina de fazer espanhóis**. Carnaxide: Objectiva, 2010.

MARQUES, Carlos Manuel da Silva. “**Deus, Pátria e Família**” na literatura da pós-modernidade: uma abordagem de o nosso reino de Valter Hugo Mãe. 2009. 142f. Mestrado (Estudos Portugueses Multidisciplinares) - Universidade Aberta,

Lisboa, 2009. Disponível em: <<
https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/1503/3/TMEPM_CarlosMarques.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2018.

PÚBLICO. valter hugo mãe venceu Prémio Literário José Saramago 2007. Disponível em: <https://www.publico.pt/2007/10/26/culturaipsilon/noticia/valter-hugo-mae-venceu-premio-literario-jose-saramago-2007-1308823> . Acesso em: 28 dez. 2018.

RAPOSO, L. C.; RODRIGUES, I. O. *A máquina de fazer espanhóis*: sentidos críticos da história portuguesa no resgate da memória. **Revista Moara**, Belém, n. 41, p. 90-104, jan.- jun. 2014.

REAL, Miguel. **O romance português contemporâneo 1950-2010**. Alfragide: Leya, 2012.

RIBEIRO, Beatriz. A máquina de fazer espanhóis: representações da memória no romance de Valter Hugo Mãe. **Scriptorium**. Porto Alegre, v. 2, n. 2, p. 175-184, jul.-dez. 2016.

RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

RIOS, F. D. Memória coletiva e lembranças individuais a partir das perspectivas de Maurice Halbwachs, Michael Pollak e Beatriz Sarlo. **Revista Intratextos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 1-22, 2013.

ROCHA, Alessandra Leles. A personagem Gregor Samsa na obra a metamorfose, de Franz Kafka. **ESTUDOS: A MARGem**, Uberlândia, v. 13, n. 2, ago-dez. 2017.

SILVA, F. L. Mergulhando no inferno das memórias: uma odisseia metafísica ou um romance português contemporâneo. **Revista Contraponto**, Belo Horizonte, v. 5, n. 7, p. 1-10, 2º sem. 2015.

VIANA, N. Memória e sociedade: uma breve discussão teórica sobre memória social. **Espaço Plural**, Marechal Cândido Rondon, n. 14, p. 8-10, set. 2006.

VILLAS BÔAS, L. História, memória e representações sociais: por uma abordagem crítica e interdisciplinar. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 45, p. 244-258, 2015.